

Curso Online de Filosofia

OLAVO DE CARVALHO

Aula 113

09 de julho de 2011

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam bem vindos.

Vamos retornar brevemente ao comentário sobre o *Fédon*, agora até a linha 81a, mas não comentaremos linha por linha porque este trecho tem uma unidade muito grande e trata somente de um assunto: Sócrates coloca a alma humana entre uma das formas. Portanto, na ascensão cognitiva do mundo sensível ao inteligível, uma das coisas que se encontrará é aquilo que, mais tarde, John Duns Scot chamará de asseidade (lat. *aseitas, atis*), que é a forma essencial da individualidade.

Houve, durante a Idade Média, muitos debates sobre isso porque, por um lado, parecia que somente as espécies tinham formas essenciais - já que a individualidade não é redutível a uma definição, ou conceito. A impossibilidade de se conceituar a individualidade, porém, não impede que ela tenha uma forma em si mesma. Se somente as espécies tivessem formas, as diferenças entre os indivíduos seriam meramente quantitativas, como uma matéria uniforme cortada em vários pedaços.

John Duns Scot achou que isso era incompatível com a doutrina do Juízo Final, onde cada um será responsabilizado por seus atos e, nesse caso, seria absolutamente necessário admitir a existência de uma forma da individualidade. Porém, esta noção já estava - não expressa, mas embutida de algum modo - neste diálogo platônico.

Quando lhe perguntaram a respeito do pré-conhecimento, Sócrates introduziu um modo de argumentação que hoje nos parece um pouco estranho: a idéia da preexistência da alma, ou de uma existência anterior, que muitos interpretaram - de forma inadequada - no sentido reencarnacionista.

Podemos colocar essa questão da seguinte maneira: a ideia da preexistência parece contrariar a doutrina cristã, de que a alma é criada num determinado momento. A preexistência reivindicaria então uma espécie de eternidade da alma num sentido absoluto. Ela teria existido desde sempre, passaria por esta vida e continuaria existindo depois, despida do corpo do qual se revestiu durante certo período.

Essa é uma daquelas questões que provocam e suscitam inúmeros raciocínios, perfeitamente, inadequados, baseados na confrontação puramente literal de

doutrinas. Sempre que se compararem duas doutrinas, serão encontradas semelhanças e diferenças, certamente irreduzíveis, caso não exista um terceiro elemento ao qual ambas se reportem. Sem ele, a comparação se torna automaticamente impossível e os antagonismos serão eternamente insolúveis. Pessoas de mentalidade doutrinária vivem a encontrar contradições e dificuldades, e trabalham nesse sentido para cavar novos abismos e tornar tudo cada vez mais difícil.

Se estamos interessados não em puras doutrinas, mas sim na realidade, então, temos que reportar as duas doutrinas que estamos comparando - no caso, a doutrina cristã e a doutrina de Sócrates - ao elemento comum a que elas se referem, que é a realidade tal como experimentada pelos doutrinários cristãos, por Sócrates e por nós. Neste sentido, temos que procurar atribuir à doutrina de Sócrates o sentido mais compatível com a estrutura da realidade, tal como a conhecemos. Temos que levar em conta a própria dificuldade de expressão com a qual Platão se confrontava ao enunciar certas verdades que não eram correntes na época e que, até certo ponto, constituíam novidades.

Difícilmente uma doutrina aparece com sua formulação perfeita e, se a pegarmos na forma literal e a compararmos com outra também nessa forma, só vamos encontrar problemas. Passaremos o resto da vida tentando destrinchar diferenças entre duas ou mais doutrinas. Isso me parece uma ocupação perfeitamente ociosa, porque, afinal de contas, temos que nos haver com a realidade da vida, e podemos usar as doutrinas como suportes, como instrumentos ópticos. E o fato de que dois instrumentos ópticos nos oferecem uma visão diferente de um mesmo objeto não quer dizer que nenhum deles seja adequado, porque temos a visão “A”, a visão “B” e a nossa própria visão, então sempre poderemos comparar essas diferenças, de modo a enriquecer a nossa visão do objeto e não cultivar antagonismos doutrinários numa confrontação estéril.

Partindo do princípio de que nós aceitamos a doutrina cristã da criação da alma, que sentido poderia ter a idéia do pré-conhecimento, quer dizer, do conhecimento anterior ao nascimento?

Digamos que estivéssemos aqui, firmemente dispostos, não a cavar abismos, mas a encontrar o que duas doutrinas aparentemente diversas estão tentando dizer sobre um mesmo objeto. Não estamos interessados nem na “doutrina A” e nem na “doutrina B”, mas no objeto do qual elas estão falando. Este objeto é, então, a alma humana e o conhecimento com o qual ela vem ao mundo.

No caminho aqui para a aula, o aluno Moreno Garcia fez uma pergunta sobre o Empirismo, que é aquela idéia da tábua rasa, ou seja, o ser humano nasce sem saber absolutamente nada e todos os conteúdos cognitivos aos quais ele tem acesso se imprimem nele durante a Existência, na medida em que ele tem acesso aos dados sensíveis. Bom, essa doutrina não somente é errada, mas ela é auto-contraditória porque, se a alma humana ou o sujeito cognoscente, é uma tábua rasa e não há nada nele, isso significa simplesmente que ele não existe enquanto sujeito cognoscente. O sujeito não pode ser o sujeito do processo cognitivo se ele vem absolutamente vazio. Se não há nada nele e tudo lhe será impresso desde fora, o sujeito cognoscente não existe enquanto

tal, o que, evidentemente, é um contra-senso. Alguma estrutura ou forma este sujeito terá que ter. Não pode ser um vazio. Essa forma naturalmente não pode consistir dos conhecimentos que mais tarde ele irá adquirir pelos sentidos. As percepções que ele começa a ter no instante em que nasce não estavam lá antes; ao contrário, elas acontecem no tempo. Então, a forma - que é a estrutura interna do sujeito - não pode consistir da experiência que ele terá, mas também não pode ser um nada. Tem que ser alguma coisa.

Nós já observamos em outras aulas que a possibilidade mesma da experiência repousa na existência de um conhecimento anterior, ou pelo menos de uma capacidade anterior. Quando alguns filósofos empiristas disseram que chegamos ao conhecimento das espécies por meio da comparação entre entes semelhantes e diferentes, essa explicação também é auto-contraditória, porque se já não tivéssemos a capacidade de comparar, nada poderíamos concluir da experiência. E essa capacidade não pode ser dada, por sua vez, pela própria experiência. Por exemplo, a noção do igual e do diferente. Se observarmos duas bolas, uma preta e uma branca, entenderemos imediatamente o que elas têm de semelhante, as formas, e o que possuem de diferente, as cores. Isto tem que ser uma percepção imediata.

Tão logo você vê as duas bolas, já tem que perceber isto imediatamente. Não vai ser por uma exaustiva comparação entre uma e outra que você vai chegar a perceber essas informações primárias, que estão dadas na própria presença das bolas. Isso quer dizer que a categoria do igual e do diferente não poderá jamais ser obtida através da experiência, porque este processo é o da comparação. Se esta não é possível, também não o é a experiência. Se obtivéssemos da experiência a noção das espécies e, ao mesmo tempo, a capacidade de fazer as comparações que dão sentido à experiência, então, aí sim é que a hipótese empirista estaria certa. Evidentemente isto é impossível porque se não há percepção de semelhanças e diferenças, não há percepção alguma. Vamos entender isto logo de cara: “percepção” é percepção de semelhanças e diferenças imediatamente. Se eu não sou capaz de distinguir, digamos, uma garrafa de um bode, então, evidentemente, eu não sei nem que existe garrafa e nem que existe bode. Do mesmo modo, se não sei distinguir uma bola branca de uma preta, então, é claro que eu não percebi nem uma nem outra. Portanto, não há um salto entre a noção de percepção e a da consciência de diferença. A percepção é a consciência imediata de semelhanças e diferenças; e não só delas, mas de muitas outras coisas. Vamos supor que não tivéssemos nenhuma idéia ou capacidade de perceber, por exemplo, a diferença de posições entre uma coisa e outra. Por exemplo, “o gato está em cima da mesa” não é a mesma coisa de que “a mesa está em cima do gato”.

É claro que não existe maneira de perceber isso por experiência, se você não tiver a capacidade de distinguir entre o “em cima” e o “embaixo”. Se você não tem nenhuma capacidade de apreender o “em cima” e o “embaixo”, então, você não pode saber se “o gato está em cima da mesa” ou se “a mesa está em cima do gato”. A percepção já coloca em ação imediatamente uma série de capacidades distintivas, associativas e organizativas, com as quais já nascemos. Isso não quer dizer que nascemos com tudo isso pronto, o que seria impossível. Se nascêssemos com todo o sistema das categorias e de distinções

totalmente pronto, como formas *a priori*, de modo que a experiência sensível somente acrescentaria elementos materiais que preencheriam essas formas, teríamos a seguinte situação: já nascemos com a forma inteira do mundo na nossa cabeça e a percepção sensível só coloca os elementos materiais - os “tijolinhos” que vão preenchendo os buracos. Isto também é impossível porque, se viéssemos com a forma inteira do universo na nossa cabeça pronta, esperando apenas para ser preenchida com os elementos materiais que não a alterariam em nada, nada poderíamos aprender ao longo da vida a respeito da forma do Universo. É óbvio que algumas coisas nós aprendemos. Por exemplo, a nossa percepção de distância se aperfeiçoa com o tempo, temos a capacidade de perceber posições diferentes em distâncias diferentes. Porém, essa capacidade não vem totalmente pronta. Se viesse, não seria possível alterá-la e melhorá-la pela prática.

A possibilidade do tiro ao alvo repousa na possibilidade de que você consiga perceber a diferença entre centro e periferia. Existe um círculo, com um centro e se percebe que existem vários círculos concêntricos de distâncias diferentes em relação a este centro. Você tem esta capacidade. Isto quer dizer que ao primeiro tiro você acertará o centro? Certamente, não. Você pode tornar mais precisa a sua percepção de centro e de periferia por meio da prática repetida e da tentativa e erro. Ou seja, você dá um tiro e vê que acertou a “x” centímetros do centro do alvo. Na próxima, você já sabe que terá de ajustar um pouco mais “para cá” e um pouco mais “para lá”. Do mesmo modo, todas as nossas habilidades que dependem da percepção de espaço supõem que você já venha com a capacidade para exercê-las, portanto, esta capacidade não lhe é dada pela experiência. Mas a experiência de algum modo a completa e a aperfeiçoa. Por exemplo, a possibilidade que você tem de andar: todo ser humano nasce com ela, mas isto não quer dizer que ele nascerá e sairá andando imediatamente. Algo ele terá de aprender, ou seja, o próprio controle do seu peso, equilíbrio, movimento, espaço, distância etc. - tudo isto terá que ser aprendido.

Nós nascemos numa espécie de sistema das formas e possuí-lo é o que nos torna sujeitos do processo cognitivo. Somos capazes de conhecer porque nascemos com este sistema. Porém, este não está completo. É como se fosse uma raiz, que tem de ser completada mediante a experiência da forma do universo, do espaço, da distância, do peso, da cor etc.

Então acontece exatamente o que Sócrates diz aqui: vemos uma coisa no mundo sensível e a entendemos porque ela recorda algo do mundo inteligível. Vamos chamar de “mundo inteligível” este conjunto das formas cognitivas que você já tem ao nascer. Ele não pode se referir diretamente ao mundo físico onde estamos, porque é anterior à experiência do mundo físico - você já nasce com aquilo.

É um sistema de formas em abstrato, não de formas de coisas, mas de possibilidades. Nós nascemos com toda a esquemática das possibilidades que reconheceremos depois no mundo físico. Porém, quando a reconhecemos, elas se “retro-esclareceram” para nós. É exatamente isto que Sócrates está dizendo. Uma observação finíssima, feita 2.400 anos atrás. Após todo o progresso do estudo científico do processo cognitivo não adiantamos um passo

à frente do que Sócrates disse. Quando ele usa a noção do pré-conhecimento e da preexistência da alma, cria para nós um problema metafísico terrível. Se fomos criados num determinado momento por uma decisão de Deus, como poderíamos existir anteriormente? É mais um problema de linguagem metafísica do que um problema metafísico substantivo.

Quando Sócrates fala sobre o conhecimento que tínhamos antes de nascer se refere ao mundo das ideias ou formas. Ele faz questão de distinguir o “mundo das ideias ou formas” do “mundo dos entes sensíveis”. Portanto, nós não tínhamos o conhecimento dos entes sensíveis, mas somente o da esquemática da possibilidade universal. E para que a conhecêssemos seria preciso que nós nos preexistíssemos, num sentido, digamos, substantivo da preexistência? É claro que não. Preexistíamos na nossa existência terrestre como formas da possibilidade. Nós mesmos éramos formas da possibilidade. E essas, por sua vez, eram eternas. As formas não poderiam surgir num determinado momento e isto é importantíssimo. Eu posso ter nascido num determinado momento, mas o esquema de possibilidades que constitui a minha pessoa poderia também ter surgido num determinado momento do tempo? Não, pois podem existir entes novos, mas não possibilidades novas.

Qualquer possibilidade que não estivesse na esquemática inteira da possibilidade universal jamais existiria e jamais existirá. Podemos admitir as duas coisas ao mesmo tempo: a criação da alma, como uma novidade cósmica - ou seja, um ato divino que convoca você a existência - e, ao mesmo tempo, podemos admitir a preexistência da alma como forma dentro da possibilidade universal. Não há contradição nenhuma entre as duas coisas. Muitos filósofos que ficaram por aí contrastando a noção platônica da preexistência com a noção cristã da criação da alma perderam o seu precioso tempo, por uma inabilidade metafísica, que, às vezes, poderia ser perfeitamente acompanhada das melhores intenções cristãs apologéticas etc.

Por exemplo, eu vejo que Etienne Couvert - que é um homem que estudou a gnose a vida inteira e que nos dá informações absolutamente preciosas - comete erros monstruosos na análise da filosofia de Platão, porque usa o método de comparar doutrina com doutrina, e não de comparar duas doutrinas com a experiência da realidade. Quaisquer doutrinas, mesmo de origem divina, serão incompatíveis no fim das contas. Ou dizem a mesma coisa - isto é, são exatamente a mesma doutrina com as mesmas palavras - ou sempre haverá um antagonismo insolúvel. A solução de qualquer antagonismo entre doutrinas, só se dá na medida em que as doutrinas são reportadas a um plano que as transcendem. Como diria Mário Ferreira dos Santos, se há uma analogia, há um *logos analogante*. E se há a diferença, também há um *logos diferenciante* e este não pode pertencer nem a uma nem a outra, tem que estar num outro plano que transcende as duas. Nunca podemos esquecer que, muito antes que houvesse qualquer doutrina cristã, já existia um treco chamado realidade ou universo - como você queira - e que este foi, de certo modo, a primeira mensagem que Deus enviou ao ser humano, muito antes até de enviar a Torá e os Evangelhos. É claro que eles têm que ser interpretados em função da realidade que os antecedeu e isto para mim é a coisa mais óbvia do mundo. Onde houver uma aparente contradição entre doutrina e a realidade, é porque, certamente, nós estamos entendendo a doutrina de forma

errada. Deus é que não vai fazer uma doutrina que contrarie a realidade que Ele mesmo instituiu bilhões de anos antes do advento da doutrina.

Neste sentido é que surgem dificuldades, como a de um rapaz que me questionou na Internet com a seguinte afirmação: “o fato de que as possibilidades preexistiram eternamente não prova que uma inteligência criou e organizou o mundo a partir de certo momento”. Realmente para desfazer esta confusão, seria preciso que ele assistisse a este curso inteiro e adquirisse os instrumentos necessários para poder pensar neste assunto.

Os assuntos metafísicos não estão aí à disposição do primeiro que chega e vai levantando perguntas, objeções e argumentos, a coisa realmente não é assim. Para se pensar com alguma eficácia a respeito destas coisas é preciso absorver tudo que os seus antecessores já criaram. Você não vai, a partir do nada, descobrir realidades fundamentais. São Tomas de Aquino dizia: “A verdade é filha do tempo”. Nós precisamos da colaboração de Sócrates, Platão, Aristóteles - todo mundo que pensou a respeito e acrescentou alguma “coisinha”. Quando chegamos aqui, já fazia tempo que existia o mundo e que as pessoas estavam examinando estes problemas. Não somos os primeiros.

O elemento fundamental da confusão - e eu acredito que muita gente fez esta mesma confusão - é o seguinte: o indivíduo toma a possibilidade como uma coisa separada do mundo, que foi criada depois, e supõe que seja necessária uma inteligência para organizar o mundo. E, a partir do momento em que a inteligência organizou o mundo existe um processo separado de possibilidade. Nesse caso, evidentemente, a preexistência da possibilidade não prova que a partir de certo momento uma inteligência organizou o mundo. Mas, se você entende que o mundo, tal como organizado ou criado, não sai de dentro da esfera da possibilidade pois ele continua dentro dela, você entende que esse mundo é absolutamente inconcebível fora do esquema da possibilidade universal. Não é que existe uma inteligência que organiza o mundo, mas o mundo esta dentro do esquema das possibilidades. Ele não tem que ser organizado a partir de certo momento. A organização do mundo é apenas uma parte das possibilidades, que se realizam dentro de uma dimensão específica, que é esta dimensão espaço-temporal na qual estamos - o que não quer dizer que ele tenha que ser, digamos, exteriorizado em relação à possibilidade universal.

Nós podemos dizer que não é necessário que nenhuma inteligência organize este mundo e nem que o crie porque este mundo sempre existiu dentro da possibilidade universal, e existiu precisamente como é. A possibilidade de um mundo definido por essas leis de espaço-tempo que aqui estão vigorando, sempre existiu. Alguém poderia dizer: “Ah, mas poderiam existir outros universos possíveis”. Podem existir outros universos possíveis, mas como diria Leibniz, não compostíveis. Se este universo se realizou tal como está, é porque, evidentemente, era mais compatível com o conjunto da possibilidade do que quaisquer outros universos teoricamente possíveis. Não há nenhuma necessidade de provar que uma determinada inteligência organizou este universo, porque a organização deste universo já estava dentro da possibilidade universal, desde sempre.

Como poderia esta inteligência criar este universo num determinado momento, se as séries dos momentos são inauguradas, precisamente, com a criação deste mundo? Nós não podemos entender isto no sentido de que existia uma possibilidade estática e, de repente, desta possibilidade saiu um mundo. Não. O mundo continua dentro do esquema da possibilidade e a série espaço-temporal nada acrescenta ao que existia antes; ao contrário, ela estreita as possibilidades. Então, coisas ou fatos que, no esquema da possibilidade universal, são possíveis e compossíveis, no esquema do espaço-temporal atualmente existente, se tornam incompatíveis e tem que ser serializados.

Portanto, a criação do universo não pode ser vista como uma exteriorização, ou como um ato diferente da própria existência da possibilidade universal, mas apenas como o estreitamento, uma auto-limitação da possibilidade universal. Absolutamente nada foi acrescentado. De fato, não precisamos conceber que uma inteligência tenha organizado o mundo a partir de um determinado momento - esta é uma visão inteiramente coisificada do assunto.

No instante em que eu dei a explicação da possibilidade universal, esperava que as pessoas fossem inteligentes o bastante para entendê-la já na “primeira”. Se a possibilidade universal é a total coexistência de todas as possibilidades que não sejam mutuamente contraditórias, evidentemente, nada pode escapar da possibilidade universal. E ela só pode ser concebida como eterna. Isto quer dizer que cada coisa que se realizou neste mundo - cada fato que aconteceu, cada ente que surgiu - já está eternamente dentro da possibilidade universal e está perfeitamente distinto de todos os outros, apenas com características individuais que não permitem a sua coexistência temporal com outros entes.

Eu não posso ter, por exemplo, a mesma idade que o meu tetravô, isto é impossível. Eu sou possível e ele também é possível e somos também compossíveis como dois indivíduos, porém não dentro desse esquema temporal. Estou aqui eu dentro do campo da possibilidade universal perfeitamente distinto, perfeitamente individualizado, e meu tetravô também está lá, perfeitamente distinto e perfeitamente individualizado. Na possibilidade universal somos simultâneos, porém no sistema espaço-temporal do presente universo não podemos nos manifestar ao mesmo tempo.

Isto é mais do que suficiente para vocês entenderem que a chamada criação do universo — criação que é na verdade uma figura de linguagem porque, para destrinchar o conceito de criação, você precisaria de meses — não é a organização de um todo, de um sistema, exterior à possibilidade universal. Quando você se refere a “possibilidade universal” não há necessidade de introduzir a noção de uma inteligência e nem de um universo criado porque as duas coisas já estão dadas nela. O que é a inteligência divina? É a própria possibilidade universal tomada em toda a sua extensão, é o conjunto das relações lógicas, ontológicas, temporais, espaciais etc., tomada na sua mais inesgotável totalidade. Para que conceber uma inteligência que cria o universo? Isso aí é de certo modo fazer buraco na água. Se você fala em “possibilidade universal”, está claro que todos os universos possíveis estão ali.

E como vamos “provar” que este conjunto não é apenas um sistema de possibilidades abstratas, mas é um conjunto auto-inteligível, autoconsciente? Se existe um ser autoconsciente dentro do universo, um único, é porque a autoconsciência é possível. E se ela é possível, já estava dada na possibilidade universal desde sempre, eternamente. Nós sabemos que não existe somente um ente autoconsciente, mas inúmeros. A totalidade da autoconsciência humana já estava dada na possibilidade universal desde sempre. Como esta autoconsciência poderia estar dada a si própria inconscientemente? Como poderia a possibilidade eterna da autoconsciência humana ser a própria negação da autoconsciência? Isto é obviamente impossível. Então só podemos conceber a possibilidade universal como um todo autoconsciente, não há outra possibilidade. Porque se a possibilidade universal não fosse autoconsciente, nada seria autoconsciente, nada nunca seria autoconsciente. A possibilidade do surgimento, ao longo do tempo, de todos esses momentos fulgurantes da sabedoria, da Filosofia etc., estava incluída dentro da possibilidade universal. Para que conceber dentro dela uma inteligência separada que “cria” o mundo?

Por que no Genesis, a “criação” — que eu coloco entre aspas porque eu não estou esclarecendo aqui a noção de criação, precisaria dar outro curso só a respeito disso — não começa com Deus colocando nenhum elemento novo, mas apenas separando dois elementos, luz e trevas? O primeiro ato do Genesis não é uma criação, é uma supressão. Deus separa uma coisa da outra. Aquilo que está num, não está mais no outro mais, e o que está no outro, não está mais no um. Este é o primeiro ato. Isto já mostra que a criação é uma limitação, e não uma efusão, uma multiplicação ou uma inauguração de possibilidades que já não estivessem na possibilidade universal. A partir dessa primeira separação ou divisão, seguem-se outras divisões: as águas do seco, o homem da mulher, e assim por diante. É um processo claramente dicotomizante. .

Só dentro de uma visão extremamente coisificada e primária é que nós podemos, depois de termos a noção da possibilidade universal, ainda pensar em termos de uma inteligência que num momento “x” organizou o universo. Imagina-se erroneamente o universo como uma coisa distinta da inteligência, o que é impossível. O universo não saiu de dentro da possibilidade universal, não saiu de dentro da inteligência de Deus, ele está lá. “Nele vivemos, nos movemos e somos”, diz o apóstolo. Agora, se imaginarmos o universo e fora dele um ente que o criou ou que o organizou, então entramos no reino da história da carochinha. Você está imaginando que foi um ente que está solto no espaço e que, com uma varinha de condão, aglutinou uma bolinha e a chamou de universo. É claro que é uma visão pueril.

Esta imagem pueril cria problemas filosóficos monstruosos e insolúveis. Entre eles, a aparente contradição entre a doutrina que Sócrates ensina ali na prisão, sobre a preexistência da alma, e a noção cristã da criação da alma. Todas as almas foram criadas num determinado momento e o que isso quer dizer? Elas preexistiam como possibilidades, estavam perfeitamente distintas. Eu, por mais humilde e insignificante que pareça, já preexistia a mim mesmo desde a Eternidade como possibilidade perfeitamente distinta e não estava misturado com outras pessoas. Não havia um ser intermediário mesclado entre eu e o

Morgenstern ou qualquer outra pessoa mais ilustre ou mais inteligente. Nem mesmo entre eu e a Dilma Rousseff. Cada pessoa estava perfeitamente individualizada desde a eternidade. Deus conhecia você antes de criá-lo. “Criar” significa o quê? Colocá-lo no fio do tempo e estreitar as suas possibilidades durante o período da sua existência terrestre, as mesmas que você recuperará na sua extensão mais ampla no instante da morte e do retorno à eternidade. E é exatamente isso o que Sócrates está dizendo.

Quando lhe perguntaram: “De fato, você provou o pré-conhecimento, a preexistência, mas você não provou que esta alma continua existindo depois da morte”. Ele respondeu: na morte, há elementos que se dissolvem. O corpo se dissolve, se desmembra, desfaz-se, porque é composto de diversos elementos. A alma, porém, não é composta de diversos elementos, é uma forma pura eterna. Se não fosse assim, uma alma não poderia ser distinta da outra eternamente. A alma preexiste no mundo das idéias e das formas, ela mesma é uma das formas. É isso que, mais tarde, John Duns Scot chamará de *asseidade*. A diferença essencial desta forma essencial de cada alma sempre existiu. Se não existisse na possibilidade universal, isto é, na inteligência de Deus, não poderia jamais existir no tempo e muito menos continuar a existir depois da morte.

A rigor, não há contradição nenhuma entre o que Sócrates está ensinando e o que depois o Cristianismo ensinará. Desde que não façamos a exigência absurda de que duas doutrinas sempre digam a mesma coisa. Porque, se fosse assim, haveria uma doutrina só e várias edições. Você a reimprimiria de novo, de novo e de novo e todo mundo diria exatamente a mesma coisa, do mesmo jeito, o que é absolutamente impossível e contraditório com a própria existência do ser humano sobre a Terra.

Sócrates diz que a alma sobrevive porque não é composta, mas uma forma pura, assim como as formas geométricas. Elas não têm nascimento nem morte, embora possam ter uma encarnação temporária. Vamos supor que você recorte um quadrado num pedaço de papelão: este pedaço de papelão pode se desfazer, mas a forma quadrada não porque é constituída de um conjunto de relações internas e externas que permanecem exatamente as mesmas. Todas as propriedades da figura chamada “quadrado” estão naquele momento encarnadas, por assim dizer, naquele quadrado do papelão, mas quando ele se desfizer, o quadrado continuará intacto. Do mesmo modo, a alma é uma forma eterna dentro da possibilidade universal. A existência terrestre não é uma coisa que é acrescentada, como o universo inteiro, é uma espécie de limitação ou afunilamento das possibilidades.

Esta experiência do afunilamento ou da limitação é uma das mais fundamentais que nós temos durante a nossa passagem pelo planeta Terra. Por quê? As limitações que nos são impostas pela distância, pelo tempo, pelo peso, pelas formas etc., têm de ser aprendidas ao longo do tempo, pela experiência. Mas elas só podem ser aprendidas em face daquele conjunto de relações que nós já sabíamos articular antes do nascimento. Porém, sabíamos no todo? Não. Se soubéssemos no todo, ou seja, se nascêssemos com todo o conhecimento da forma do universo, então nós seríamos idênticos à própria

inteligência divina. E evidentemente não somos. Então há uma parte que nós sabemos e há uma parte que aprendemos durante a vida.

Exatamente como diz Sócrates nós reconhecemos as coisas do mundo da experiência sensível porque elas nos evocam as formas eternas. E não só isso, elas complementam a nossa compreensão das formas. Por exemplo: nós evidentemente nascemos com a potencialidade da compreensão da estrutura do espaço, mas precisamos da experiência sensível da estrutura do espaço que nos evoca esse pré-conhecimento e nos revela novamente a forma do todo. Do mesmo modo, temos a compreensão da ordem das sucessões e da ordem das causalidades, nós nascemos com isso. Porém não nascemos com o conhecimento de todas as seqüências causais existentes. E o conjunto das sucessões causais existentes que chega ao nosso conhecimento através da experiência esclarece, de novo, o conhecimento que já tínhamos do esquema teórico, por assim dizer, da sucessão causal, e este por sua vez esclarece o que está acontecendo no mundo exterior. Apesar de a expressão usada por Sócrates ser ainda limitada e primitiva, é perfeitamente adequado ao estado atual dos nossos conhecimentos a respeito.

Para progredir nessa ordem de estudos, é preciso renunciar a esta maldita mania de discutir as coisas a partir de uma impressão lógica que você tem num certo momento. Ou seja, “aqui tem uma frase, ali tem outra frase, as frases não batem, não conferem uma com a outra”, e a partir daí você levanta uma discussão. É anti-Filosofia, é exatamente a erística, é discussão inútil. É o que a Bíblia chama de pensamento ocioso. O pensamento só não é ocioso quando busca entrar na realidade das coisas, utilizando as várias formulações doutrinárias diferentes como se fossem superfícies de espelhos nas quais você pode observar as coisas por vários lados, e não como se cada uma delas fosse uma expressão da verdade total em contraposição, em oposição, em conflito com outra expressão da verdade total. Isto é coisa de bobo.

A idéia de que o conjunto da história da Filosofia é um debate é uma imagem absolutamente pueril e escolar da coisa. Ele não é um debate. Cada filósofo que diz alguma coisa sabe que depois vem outro que vai dizer outra coisa e que isso não vai terminar tão cedo. E o que os outros dirão em seguida às vezes pode contradizê-lo flagrantemente, mas em geral não é isso o que acontece. Em geral, são outros filósofos falando de outras coisas sobre outros pontos de vista que complementam e se articulam com os anteriores. Uma inteligência bem formada não procura o debate, a contraposição entre as doutrinas, a unidade doutrinal ou a macro doutrina que abranja a todas, mas sim a realidade por trás dessas várias imagens doutrinárias.

O conhecimento da realidade nunca vai se expressar de maneira completa e perfeita. Isto é absolutamente impossível. Você não pode sequer contar a sua própria vida com todos os detalhes, nem a sua porca vida. Quanto mais a totalidade da experiência que você tem do universo. Mais ainda: não é necessário você fazer isso. Por quê? Por que todos nós vivemos no mesmo universo e ele é a chave que nos conecta uns aos outros. Estamos dentro da mesma realidade, nos reportamos a ela e é porque a reconhecemos que podemos falar a respeito dela. Nenhuma formulação doutrinal precisa jamais

ser completa, todas elas são fragmentárias. Não são elas que vão unificar o universo, é a experiência do universo que as unificará!

Como a nossa cultura também é organizada como um debate parlamentar é nisso que vai dar. É claro que essa mania do debate começou já na universidade medieval, onde você tinha a famosa *disputatio* — um sujeito vai defender uma tese e o outro vai defender outra. Só que a *disputatio* é apenas uma prática pedagógica para aprimorar a sua capacidade de raciocínio, não um meio de se chegar à verdade. Ela pode ser um meio complementar. Você tem, primeiro, a *lectio* - a leitura do texto sacro - depois pode ter vários procedimentos intelectuais, dentre os quais a *disputatio*. Ela funciona se for integrada dentro de todo um sistema de práticas educacionais. Se for isolada e virar um debate puro e simples, não levará a absolutamente nada.

Eu tenho uma profunda má vontade com argumentadores e não gosto deles. O argumentador só está buscando ganhar uma discussão, não descobrir alguma coisa da realidade. Eu sempre segui a técnica do Leibniz que dizia: “Eu concordo com tudo quanto eu leio”. Por que Leibniz podia concordar, enquanto nossos contemporâneos estão sempre discordando de tudo? Porque Leibniz não esperava de nenhuma leitura a expressão total e cabal da verdade. Ele esperava apenas mais uma contribuição para enriquecer seu panorama, que vai se expressar não numa doutrina que ele vai elaborar, mas na experiência real que ele tem do mundo do conhecimento e do universo existente, e que permanecerá indizível até o fim dos seus dias. Ele está cultivando a sua sabedoria interior e não um sistema filosófico que criar. Se isso vier a acontecer, será apenas uma expressão parcial e limitadíssima da sua riqueza interior.

Nós, por meio do conhecimento do que os filósofos escreveram ou o do que foi documentado, como no caso de Sócrates em que outras pessoas documentaram, temos acesso à experiência interior dessas grandes almas. Não temos acesso só ao que eles disseram mas também ao que perceberam por trás do que disseram. Por que nós temos isso? Porque eles estavam no mesmo universo que nós e tinham uma estrutura semelhante à nossa e, portanto, para além da capacidade de expressão verbal deles, insinua-se todo o campo da experiência que tiveram - a qual nós podemos ter acesso pelo menos imaginativo. É disto que se trata o ensino da filosofia. Ele visa a gerar almas capacitadas a ter uma experiência ampla, profunda e rica do universo do conhecimento, e não a gerar novas doutrinas.

No entanto, hoje, através da bibliografia filosófica e científica internacional, o que se vê são frases discutindo com frases o tempo todo, não precisa existir um ser humano por trás disso. O elemento de experiência pessoal que fundamenta tudo aquilo é sempre colocado entre aspas e deixado fora, e se faz isso por meio do uso de toda uma linguagem profissional que neutraliza a presença do sujeito cognitivo real. É uma discussão de frases por trás das quais existem apenas papéis sociais. Esta é a maneira segura de você jamais acertar. Só serve para domínios do conhecimento que já estejam perfeitamente recortados, padronizados e suscetíveis, portanto, de um estudo

mediante um protocolo metodológico comum. Serve apenas dentro de domínios muito restritos no âmbito de uma ciência especializada.

No entanto, quando se chega neste ponto de especialização, você já está muito longe da experiência real. Você está falando de objetos hipotéticos recortados de acordo com a perspectiva metodológica de uma determinada ciência. Objetos que não existem em si mesmos, que são apenas a projeção de um ponto de vista científico determinado. Se formos utilizá-los só para o diálogo entre essas perspectivas científicas, então a linguagem da filosofia e da ciência acadêmica são perfeitamente adequadas. Porém, para nós, ela não basta, nós temos de dominar esta linguagem e recolocá-la dentro do quadro da experiência real, sabendo que, ao fazermos isso, a nossa expressão verbal ficará limitada. Porém ela não precisa ser completa. Nós não somos a única pessoa inteligente que existe no mundo, outras pessoas vão nos ouvir e elas sabem do que estamos falando.

Ignorar a existência do interlocutor inteligente já coloca você fora da realidade automaticamente. Se você acha que precisa esclarecer meticulosamente todos os pontos da sua doutrina para que não haja dúvida alguma, está supondo que todos os seus ouvintes são uns imbecis. É uma hipótese que se realiza às vezes, mas sempre. Além disso, quem mandou você falar para imbecis? As coisas que eu explico são colocadas em público, mas não estou falando para todo mundo. Se num programa de rádio faço uma alusão breve - repito ali uma ou duas frases que eu disse no meu curso - isso não significa que estou colocando aquilo à disposição dos imbecis para que discutam. É apenas uma alusão que serve para os meus alunos ou para as pessoas que estão estudando. E os de fora, se tiverem interesse, entrem no curso e acompanhem.

Há um grande número de imbecis que tenta iniciar discussão comigo no *Orkut*, no *Facebook*, etc, sempre a respeito de um ponto ou outro isolado, uma frase que o sujeito não gostou. Ele começa a contestar aquilo sem nem saber onde aquela frase se articula no conjunto do que eu ensinei. É a amostra de uma doença que existe hoje em todas as sociedades do mundo, a mania de discutir muito quando você sabe pouco. A maior parte das pessoas padece disto: elas sabem pouco e pensam muito. É a mesma coisa que fazer digestão sem comer nada. O sujeito não ingere nada e está soltando suco gástrico. Vai ganhar uma úlcera. A maior parte das pessoas sofre de úlcera mental. O sujeito vive sempre irritado, nervoso, bravo com tudo e com úlcera mental é pior ainda.

Algumas pessoas dizem ainda que a Filosofia existe para fazê-las aprender a pensar. Pensar todo mundo já sabe. O que nós precisamos aprender é a saber, a conhecer. De pensar morreu um burro. Quanto menos as pessoas sabem, mais elas pensam. Por exemplo, digamos que você ouça um carro parando na frente à sua casa. Tem uns carros que costumam parar ali. Existe a sua mulher, que chegou do supermercado, o cara do correio ou um vizinho — você geralmente sabe de quem se trata. O que você faz para saber? Você abre a porta para saber quem chegou. E se você se recusasse a fazer isso e ficasse pensando: “Será que é isso? Será que é aquilo? Será que é aquilo outro?” Você fica doidinho da cabeça. E é isso o que essas pessoas fazem.

Para pensar sobre esse assunto é preciso muito conhecimento. Você precisa ter ouvido o que todos sabem, o que os filósofos do passado tentaram ensinar. Quando era jovem, eu já tinha mais ou menos esta intuição. Na maior parte dos casos não precisa pensar nada, você só lê e aprende. E daí, espontaneamente, aqueles elementos vão se combinando de uma maneira ou de outra, e produzem às vezes algumas conclusões erradas. E isto também não tem importância porque as conclusões erradas também vão embora e você as troca por outras e por outras. Então para que tanto esforço de pensar?

O ditado “de tanto pensar morreu um burro” é a coisa mais certa que existe. Não temos de pensar, nós temos de saber. O objetivo do pensamento é colaborar com o saber, assim como o da visão, da audição, do tato, da memória, dos sentimentos etc. Para que nós possamos absorver as formas do Cosmos onde existimos e, com elas, esclarecer as formas preexistentes da possibilidade universal que já estão dadas comprimidamente ou parcialmente em nós. É a lição de Sócrates até esta linha 81-a. Na próxima aula veremos mais a respeito.

[INTERVALO]

PERGUNTAS:

Aluno: [...] Na aula 60, um aluno narra uma experiência de distanciamento físico e psíquico da circunstância presente que o marcou. Tive também uma experiência destas que me deixou uma profunda impressão e gostaria de relatá-la ao senhor. Não sei como nomeá-la e também não me sinto capaz de contá-la perfeitamente, em parte por ela ser mais rica do que eu possa dizer, em parte porque já faz bastante tempo.

Aconteceu também na sala de aula, ainda no colégio. Repentinamente tive a sensação de que estava compreendendo tudo à minha volta e aquilo me preenchia de uma alegria e tranqüilidade imensa. Naqueles poucos segundos, enquanto eu olhava os meus colegas de turma, senti uma espécie de ternura por eles e a certeza de que não me poderiam fazer mal.

Foi uma experiência significativa para mim. Não sei explicar porque a tive naquele momento, mas acho que, pensando nela hoje, ela foi importante para que na época eu entendesse que não era importante ser popular, admirado ou respeitado no meio escolar, uma coisa que sempre me atormentou na minha adolescência.

Olavo: Estas experiências são fundamentais para você ter acesso à dimensão superior e permanente da sua alma. Todos nós temos em algum momento experiências deste tipo e podemos tê-las de novo, inúmeras vezes, mediante aqueles exercícios e práticas que eu mencionei algumas aulas atrás. O importante não é ter a experiência, e sim retê-la como um elemento precioso para sua orientação no mundo.

Aluno: [...] Com relação à fidelidade da palavra, lembrei-me do voto de abstinência em matéria de opinião e dos perigos de julgarmos as pessoas -

posso estar enganada. Confesso que venho tentando fazer um esforço. Costumo dizer que meu silêncio é a minha sobrevivência, mas chega um momento em que começo a me sentir como um barril de pólvora, pronto a explodir a qualquer momento (e explodo!). Não estou pedindo conselhos de autocontrole, apenas estou relatando o que sinto, muitas vezes ao levar a sério esta questão do voto de matéria de opinião. Não sou santa e nem pretendo ser. Todos têm defeitos e qualidades, mas há certas situações em que ficar em silêncio por muito tempo pode me enlouquecer. Costumo rezar como o senhor orientou, mas é difícil.

Olavo: O voto de silêncio em matéria de opinião é apenas aquilo que o Lênin dizia de “dar um passo para trás para dar dois para frente”. Se você for apenas controlar o seu impulso de opinar, vai ficar louca mesmo. Você deve fazer isso com a idéia de que a vingança será “maligna”. Você está aprontando uma resposta e uma reação muito mais eficaz para um tempo posterior. Durante o tempo em que você vai ficando quieta e engolindo este veneno todo, você está processando aquele negócio e aprendendo a reagir àquilo não de uma maneira momentânea e emocional, mas de uma maneira planejada, mais profunda e mais eficiente — de uma maneira mais dolorosa para suas vítimas.

Uma sugestão é você tomar nota destas coisas. Ao invés de você reagir oralmente, reaja por escrito, para você mesma. Vá tomando notas e mais notas. Se você quer saber, foi assim que eu escrevi o livro *O Imbecil Coletivo*. Eu não tinha nenhuma intenção de publicar aquilo. Eram apenas coisas que eu ouvia e anotava para meu controle. Ocasionalmente eu lia aquilo nas aulas e às vezes nem isso, deixava guardado, como uma espécie de um diário da imbecilidade nacional. E com isso eu fui juntando uma documentação monumental. Na hora em que foi publicada, a coisa teve um efeito monstro, espalhou o terror nas hostes dominantes. Vários daqueles intelectuais citados ali foram simplesmente desativados. Eles simplesmente saíram do circuito, ficaram quietinhos por dez ou quinze anos porque não sabiam o que dizer. Era exatamente isso que eu queria fazer. Eu me inspirei muito em São Jerônimo: cortar a língua dos imbecis, não deixá-los falar mais.

Aluno: *Quando você assistiu à palestra do José Américo Motta Peçanha você deve ter ficado com vontade de falar o mesmo (...)*

Olavo: Sim! Outro exemplo é *O Jardim das Aflições*, livro inteiro provocado por uma conferência do José Américo Motta Peçanha. Eu poderia ter me levantado naquele momento e ofendido o sujeito, mas eu não conseguiria me explicar, porque a questão era tão complexa que eu precisaria fazer uma conferência muito mais longa do que a dele para deixar clara a monstruosidade do que ele estava falando.

Não se trata de refutar um erro, não se trata de polêmica. Trata-se de colocar aquele acontecimento dentro do seu contexto total e analisá-lo como sintoma de uma situação cultural medonha, que foi exatamente o que eu fiz. Só que, para isso, eu precisava dar toda a retaguarda histórica e no fim eu acabei escrevendo um estudo sobre a idéia de império no Ocidente. Foi uma reação

muito mais eficaz do que eu simplesmente fazer duas ou três observações na hora.

Esta reação — retida, trabalhada, aprofundada — é exatamente o que eu espero de vocês. Durante estes cinco anos de curso, absorvam todo este veneno brasileiro que os circundam e se preparem para reagir a isso não na base da opinião solta, mas na base de escritos, de livros, de cursos, com os quais vocês podem criar em poucos anos todo um novo panorama cultural brasileiro. Se, deste curso, cem alunos conseguirem produzir estudos sérios sobre determinados pontos — mostrando toda esta *débâcle* cultural brasileira que está acontecendo e dando, ao mesmo tempo, todo um aporte civilizacional mais curativo para isso — nós simplesmente mudamos o panorama de repente. Tudo o que este pessoal de universidade e desses partidos políticos está produzindo vai ficar para trás. Vocês constituirão a cultura brasileira daqui a cinco ou dez anos. É para isso que eu digo, fique quietinho, não brigue, porque você está esperando para fazer uma coisa muito pior depois.

Aluno: [...] *Em um programa True OutSpeak recente o senhor comentou os ataques da esquerda revolucionária à família. Tenho interesse pelo tema da família e pela própria realidade da sexualidade humana, pelas razões pelas quais o ser humano se divide em masculino e feminino e o que tudo isso diz a respeito da nossa condição humana. Gostaria de tornar este interesse em um tema de estudo e queria a opinião do senhor sobre isso e que bibliografia indicaria para poder desenvolver este trabalho.*

Olavo: A bibliografia inteira eu não tenho, mas eu tenho um livro absolutamente indispensável que você tem de ler que é a *Antropologia Metafísica* do Julián Marías, que eu considero um dos grandes livros de filosofia do séc. XX.

O Marías era um discípulo do Ortega y Gasset, que tinha uma série de descrições magistrais sobre a estrutura da vida humana, compreendida no sentido biográfico. Por exemplo, todo este jogo do que ele chama o “eu e a circunstância” — você está sempre em uma circunstância, você nunca está no vazio — e esta circunstância já lhe dá uma série de opções possíveis e impossíveis, uma série de possibilidades e impossibilidades. Porém a sua ação, o capítulo seguinte da sua biografia, depende de uma decisão que não é totalmente livre. O Ortega compara a decisão humana a um soneto que tem um verso final que está com o pé quebrado. Você tem de fazer um verso que complete aquilo ali e não pode ser um verso qualquer, não é o negócio da liberdade no sentido sartreano da coisa, uma coisa absolutamente sem pé nem cabeça.

O Julián Marías notou que o Ortega tinha descrito esta estrutura da vida humana apenas no seu sentido essencial e universal, mas que havia uma série de outros elementos dela que não eram essenciais, mas empíricos. O sujeito tem que ter alguma altura, não pode ter duas alturas. Ele tem de ter uma determinada cor da pele, ou a condição sexuada. Ele tem uma série de determinações que não fazem parte da vida humana no sentido do Ortega, mas que também fazem parte de uma espécie de circunstância interna, uma

coisa que está em você, mas não é você. E é justamente aí que entra este livro do Julián Marías, escrito muitos anos depois da morte do Ortega y Gasset e que é de um brilho extraordinário. Comece por ler a *Antropologia Metafísica* do Julián Marías e depois conversamos.

Transcrição: Rafael Guedes da Silva, Jussara Reis, Eduardo Afonso de Aguiar

Revisão: Fernando José da Silva